

A AGRICULTURA NO EXTERIOR

(Resumo de notícias e opiniões colhidas em publicações pan-americanas e europeias)

POLÍTICA DE PREÇOS DOS PAÍSES EXPORTADORES DE ALGODÃO

Existem indicações de que quase todos os países produtores de algodão que dispõem de excedentes exportáveis, podem competir efetivamente com a fibra norte-americana no que diz respeito aos preços, em virtude de sua estrutura econômico-social. Junta-se a esse fato a fixação de políticas ou programas governamentais os quais são utilizados, segundo as circunstâncias, para apressar a exportação de algodão.

No Egito, o Governo adquire toda a safra dos produtores na base de preços determinados que garantem uma remuneração justa aos cultivadores, considerando-se as condições ali existentes. São os seguintes os preços anunciados para a colheita de 1955-56, em centavos de dólar, à taxa de 35 piastras por dólar:

	Equivalência Centavos de dólar por libra-pêso
Ashmouni	31.73
Giza 30	34.04
Menoufi	35.19
Karnak	37.50

O algodão é vendido pela Comissão de Algodão (oficial) a níveis acima do preço de compra que acompanha as cotações da Bolsa de Algodão de Nova Iorque.

Um dos instrumentos mais efetivos da exportação é a "Conta de Habilitação" (Entitlement Account). Ela garante ao exportador de pluma o privilégio de vender no mercado livre 75% das cambiais estrangeiras; os restantes 25% devem ser convertidos à taxa de câmbio oficial estabelecida pelo Banco do Egito. Devido à grande procura de moedas estrangeiras para a aquisição de numerosas mercadorias que o país necessita importar, os importadores pagam apreciável prêmio pelas moedas desejadas. A um ágio de 12,5% um exportador egípcio que vende algodão a um importador alemão em marcos, pode fazer-lhe uma concessão de preço de tanto como 2 centavos e meio por libra-pêso. Uma redução de 2 1/2 centavos de dólar por libra-pêso numa remessa de Ashmouni pode ainda proporcionar ao exportador egípcio ganhar o equivalente, aproximadamente, de 1/2 centavo por libra-pêso sobre a venda no mercado livre de 75% dos marcos que a exportação lhe proporcionou.

Nos últimos dois anos, a Turquia obteve grande parte de sua exportação de algodão através de acordos bilaterais, isto é, em essência convênios de troca. Uma dessas transações, recentemente concluída com a França, representou a venda de cerca de 100 000 fardos de algodão. Não há um meio prático de precisar o preço pelo qual o algodão foi permutado por numerosos tipos de mercadorias francesas. Sabe-se, contudo, que a Turquia manteve enorme déficit na balança comercial com a França e que os pagamentos nessa conta sofreram atrasos durante certo tempo. O preço do algodão turco consideravelmente acima dos preços de outros algodões de qualidade semelhantes, todavia, não parece que na ausência dos atrasados turcos estivessem os franceses dispostos, agora, a realizar ajustes na base daquele apreciável volume de algodão. Informou-se que as cooperativas da Turquia venderam o algodão à França mediante considerável desconto na base do preço de mercado e que o Governo turco concordou em cobrir as perdas suportadas pelas cooperativas.

Em todos os territórios coloniais da França, Grã-Bretanha, Bélgica e Portugal na África, o mercado de algodão está muito bem organizado graças a entidades oficiais ou semi-oficiais. Os preços para os plantadores são satisfatórios, consi-

derando-se as condições existentes nas respectivas áreas e são fixados pelas autoridades ou regulados pelos governos locais. Em Uganda, por exemplo, o presidente da Junta de Mercado e Indústria de Café anunciou que o preço que será pago aos cultivadores de algodão para a safra de 1955-56 será equivalente a 7 centavos de dólar por libra-pêso para o algodão em caroço. Isso corresponde a um preço de cerca de 21 centavos de dólar por libra-pêso de algodão em pluma. Essa é uma base preliminar para a determinação do preço que pode ser elevado um centavo ou dois antes do fim da temporada, mas, aos preços correntes de mercado, pode ver-se que a Junta de Mercado poderia vender o algodão de Uganda se necessário com grande redução. Na prática, a Junta alcança o melhor preço possível e distribui os ganhos acima ou abaixo do preço pago aos produtores para trabalhos ulteriores de desenvolvimento da cultura, pesquisas ou como bonificação aos produtores. No presente, a Junta dispõe de apreciável fundo para certas eventualidades que pode ser usado para subsidiar a exportação de algodão caso essa decisão se torne necessária.

Em muitos territórios coloniais as Juntas de Mercado são responsáveis pelo armazenamento e venda da safra; elas podem ter ou não contratos com a indústria algodoeira das metrópoles, porém, na prática, existe um contrato implícito e a maior parte do algodão produzido segue para as metrópoles europeias. Por exemplo, a totalidade do algodão produzido em Moçambique e em Angola é exportado para Portugal. Há muito elas provaram sua capacidade de negociar toda a produção e de garantir ganhos estáveis aos plantadores ao vender acima do preço pago aos últimos durante o "boom" de 1950-1951 e ao manter preços para lavradores a despeito da queda mundial de preços de 1952.

Em geral, no Paquistão, o algodão tem sido cotado acima do nível dos últimos meses e, exceto no tocante a poucos ajustes comerciais bilaterais, não parece que esse país tenha diligenciado no sentido de exportar seu algodão para os mercados mundiais. O custo da produção é suficientemente baixo para que a pluma possa entrar no comércio internacional até com uma conveniente sobrecarga tributária sobre a exportação. Em confronto com o ano recorde de 1952-53, quando o Paquistão exportou cerca de 1 300 000 fardos (de 500 libras-pêso cada um) os suprimentos exportáveis têm sido reduzidos durante os últimos dois anos. As colheitas não foram grandes e o consumo interno quase dobrou.

(N. da R. de "A Agricultura em São Paulo": Informa o mensário "Cotton", do International Cotton Advisory Committee, de Washington, que, em seguida à desvalorização da moeda pelo Paquistão e ao aumento das taxas de exportação, ocorreu ali sensível elevação dos preços internos do algodão; em termos de moedas estrangeiras, contudo, os preços agora estão alguns centavos de dólar abaixo do nível que precedeu à desvalorização. Em 25 de agosto, o tipo 289F Punjab S.G.F. estava cotado a 25.88 centavos de dólar por libra-pêso em cotejo com 31.07 centavos de dólar em 28 de julho. Nessas duas datas e tipo 5 de São Paulo era cotado a 35.46 centavos de dólar. Em rupias, moeda paquistanesa, os preços subiram de 84.75 para 101.44 respectivamente no período mencionado).

No Sudão, a produção de algodão é movimentada de modo a assegurar ao plantador um preço razoável, considerando-se as condições ali existentes. Nos últimos anos esse preço tem-se mantido abaixo do nível internacional. Uma agência oficial controla a produção e adianta dinheiro aos produtores durante a época de plantio. Essa agência negocia o algodão a preços baseados no mercado mundial e uma parte dos lucros é dividida entre os lavradores e a outra usada para propósitos de desenvolvimento.

Taxas de exportação

Alguns dos países produtores de algodão criaram taxas sobre a exportação da pluma, as quais vão mencionadas adiante, tais como correntemente em uso:

País	Taxas de exportação por libra-pêso Equivalência em centavos de dólar
Egito	8.77 sobre o Karnak e outras fibras longas 5.88 sobre o Ashmuni e todos os demais
Guatemala	2,0
Índia	6.64 sobre todas as variedades
México	5.54

Paquistão	6.93 sobre as variedades 4.62 sobre o Desi
Peru	7.60 sobre o Tanguis, tipo 3 1/2 6.27 idem, idem, tipo 5. 7.12 idem, idem, Pima, tipo 1
Síria	2.45 desde 8-15-52

Os governos de muitos desses países instituíram as taxas de exportação durante o "boom" que se seguiu à 2ª. Guerra Mundial. Em alguns casos elas foram criadas a fim de retirar parte da renda oriunda da espiral ascendente dos preços das mercadorias e, assim, prevenir ou limitar a inflação. Algumas dessas taxas foram aumentadas em decorrência da rápida alta de preços manifestada depois do irrompimento da guerra na Coreia. Em anos recentes elas têm sido reduzidas de tempos em tempos por alguns países. Sem embargo de que alguns desses governos tenham considerável porção da receita pública derivada das taxas de exportação sobre o algodão, é considerado provável que quase todos esses países podem reduzi-las ou eliminá-las se for necessário. Alguns deles consideram que precisam exportar algodão a fim de obter câmbio estrangeiro para o pagamento das importações. Outro fato que influencia a exportação de algodão por tais países é a escassez de financiamento que pode determinar a estocagem de algodão durante largo período. Em certos casos, a falta de facilidade de armazenamento pode ser um fator determinante de uma ativa movimentação da pluma para os mercados de exportação.

Políticas nacionais

Em alguns países, a política de produção e de exportação de algodão sofre a influência de aspirações nacionalistas as quais têm muito pouca relação ou nenhuma com as considerações de ordem econômica. Certos países desejam alcançar a autossuficiência na produção de algodão ao máximo possível e continuarão a produzi-lo mesmo que não seja econômico fazê-lo. Outros, estão tentando expandir a produção de algodão visando assegurar uma exportação que forneça os cambiais indispensáveis ao pagamento das importações necessárias. Quando considerações nacionalistas orientam a política relativa à produção e exportação de algodão, é duvidoso que o preço internacional dessa fibra possa influir de maneira significativa sobre semelhante política.

Fonte: "Foreign Agriculture Circular", Departamento da Agricultura, Washington, E.U.A. 12 de julho de 1955.

PRODUÇÃO MUNDIAL DE CARNE EM 1954

A produção de carne em 1954 nos principais países do mundo, salvo no Extremo Oriente, foi 8 por cento mais elevada que o recorde de 1953, 24 por cento maior que a média de 1946-50 e 20% mais alta que antes da guerra. A produção nos 42 países dos quais se dispõe de estimativas pormenorizadas totalizou 83 bilhões de libras-pêso (uma libra-pêso corresponde a 453,6 gramas) e representa 93 por cento da produção mundial, exclusiva da China.

Há perspectivas de moderado acréscimo na produção durante o corrente ano. Crescem o número de cabeças de gado vacum e de ovelhas a ponto de terem sido estabelecidos novos recordes. O número de suínos cresceu de 6 por cento em 1954 estabelecendo, igualmente, novo total mais alto. Deverão ser atingidos novos recordes na produção de carne na Austrália, Nova Zelândia, Reino Unido, França e outros países da Europa Ocidental. Nos Estados Unidos, o maior produtor mundial, espera-se que, pela quarta vez consecutiva, seja batido novo recorde.

Os progressivos aumentos observados na produção de carne há diversos anos nos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha Ocidental, Itália, Suécia e França tendem a limitar as necessidades de importação. Durante os dois últimos anos, contudo, a União Soviética importou grandes quantidades de carne do Ocidente. Demais, devido à prosperidade geral do mundo tem havido contínua e sensível procura de carne,

o que suscitou o aparecimento de um mercado favorável para os excedentes dos países produtores, tais como a Austrália, a Nova Zelândia, a Dinamarca, a Argentina, o Uruguai e a Irlanda.

A produção de carne no globo atingiu, agora, tão alto nível que poderia parecer tivessem os principais países exportadores que esperar por preços mais baixos para a sua produção, e que a competição pelos mercados de exportação se tornasse mais aguda. A Nova Zelândia, Austrália, Alemanha e França adotaram planos para a abertura de novos canais de exportação para a sua produção interna. Alguns desses países, juntamente com a Dinamarca, estão particularmente interessados no aumento dos embarques para a União Soviética e outras áreas da Europa Oriental; em virtude das sombrias perspectivas no pertinente ao aumento das vendas à Grã-Bretanha. É a Inglaterra o maior país importador do globo e contribuiu com 76% do movimento do mercado internacional de carne em 1953. Estoques de carne congelada acumularam-se na Grã-Bretanha desde a abolição dos controles em julho de 1954. A produção interna aumentou substancialmente em anos recentes. Ela concorreu para suprir 87% da procura de "carcass meat" e "edible offal" comparados com 65% em 1951 e apenas 51% na pré-guerra. A produção doméstica supriu 46% do consumo de tocinho e presunto em 1954 em relação a 29% apenas na pré-guerra. Desde a abolição do controle do comércio de carne e do fim do racionamento, os consumidores britânicos revelaram maior preferência pela carne fresca ou frigorificada que pela congelada. Os preços correntes de atacado do bife congelado da Austrália e Nova Zelândia representam cerca da metade dos preços dos mesmos tipos de bifês da produção interna ou irlandesa. Isso resultou num grande acréscimo das importações britânicas de "chilled beef" da Austrália, Nova Zelândia, Argentina e Uruguai.

Na América do Sul, aparentemente, a produção total de carne nos principais países produtores em 1954 foi levemente inferior que há um ano e moderadamente abaixo da média de 1946-50. Em certo número de países a procura de carne prossegue desusadamente volumosa a preços controlados e avultadas quantidades têm sido consumidas no mercado interno.

A Argentina, finalmente, preencheu o deficit de carne ocorrido no ajuste com a Grã-Bretanha em 1954, elaborado pelo Ministério da Alimentação antes da supressão do controle. Agora, estão sendo feitos livremente os embarques de carne. O firme afluxo de gado, antecipado durante os meses de inverno, será com toda a probabilidade suficiente para proporcionar um excedente exportável, cujo maior volume será remetido para a Inglaterra sob a forma de "chilled beef". Recente acordo de trocas com a U.R.S.S. inclui 44 milhões de libras-peso de carne de carneiro, cerca da metade já embarcada. A exportação desse tipo de carne, a maior parte da qual para a Inglaterra, somou 37 milhões de libras-peso nos primeiros cinco meses de 1955.

A seguinte estatística permite ter-se uma idéia da situação do mercado mundial de carne no período indicado, nos principais países produtores:

(Estimativas preliminares da produção de carne de vaca, de vitelo, de porco, de carneiro e outros tipos) (Em milhões de libras-peso)

País	Carne de vaca e de vitelo		Carne de porco, menos tocinho		Carne de carneiro		1954 como porcentagem de		Total 1954
	Média de 1946-50	1954	Média de 1946-50	1954	Média de 1946-50	1954	1946-50	1953	
E.U.A.	10,980	14,647	10,541	9,952	743	734	114	102	25,333
Argentina	4,284	3,527	391	287	540	485	82	98	4,299
Grã-Bretanha	1,230	1,416	490	1,317	305	409	153	105	3,142
BRASIL	2,114	2,376	512	571	69	86	113	101	3,033
Austrália	1,226	1,618	210	194	701	840	124	102	2,652
França	1,937	2,998	1,398	1,984	185	243	149	108	5,423
Alemanha									
Occidental	1,060	1,836	1,530	2,925	45	39	180	104	4,870
Dinamarca	327	419	520	1,110	7	2	178	109	1,570
Uruguai	543	662	36	33	164	132	111	93	827
Nova Zelândia	409	461	84	82	708	733	106	105	1,276
Canadá	1,043	1,135	956	930	54	30	102	106	2,095

Notas:

No tocante ao Brasil está excluída a produção para consumo das fazendas. Na Nova Zelândia os anos terminados a 30 de setembro.

Para a Alemanha Ocidental média de menos de cinco anos.

Fonte: "Foreign Agriculture Circular" Departamento da Agricultura dos Estados Unidos, Washington, 9 de junho de 1955.

DECLINA O CONSUMO DE ALGODÃO NAS FIAÇÕES JAPONESAS

O consumo de algodão pelas fiações do Japão durante os primeiros oito meses- agosto a março- da temporada de vendas de agosto de 1954 a julho de 1955, caiu de 8 por cento em relação ao período anterior.

A importação de algodão em agosto-março de 1954-55 alcançou o total de 1 338 000 fardos, o que representa uma queda de 15 por cento nas importações do período correspondente de 1953-54, que foram de 1 565 000 fardos.

Os estoques de algodão no Japão em 31 de março deste ano su biam a 509 000 fardos, aumento de 8 por cento em confronto com 470 000 em fevereiro e 8 por cento mais que os estoques de 484 000 fardos em 31 de março de 1954.

A posição do Brasil, no conjunto das aquisições de algodão pelo Japão, pode ser assim descrita: A média das importações de algodão brasileiro foi de 202 500 fardos em 1935-39, em relação a 1 250 500 comprados na Índia e 1 126 600 nos E.U.A. (todos equivalentes a fardos de 500 libras-peso cada um).

No período agosto-março de 1954-55, o Japão importou do Brasil 193 700 fardos, em comparação com 330 100 do México, 100 100 do Paquistão, 56 000 da Índia e 499 500 dos Estados Unidos, dentro do total de 1 338 300 fardos montante das importações de todos os países naquele último período da temporada fiada.

N. da R. de "A Agricultura em São Paulo": Percentualmente, o Brasil exportava para o Japão a média de 6,40 por cento do total das aquisições de algodão por esse país em 1935-39, em cotejo com 35,50% dos Estados Unidos e 39,40% da Índia, mais 19,80% dos demais. Em 1954-55- agosto a março- a percentagem do Brasil foi de 14,50% em relação à de 24,70% do México, de 7,50% do Paquistão, de 37,40% dos Estados Unidos e 16% dos demais, de acordo com os dados acima expostos.

Fonte:- "Foreign Crops and Markets", Departamento da Agricultura, E.U.A., Washington, volume 70, nº 24, 13 de junho de 1955.

* * *